

## EXPRESSÃO DO HIP HOP COMO CORPO RESISTENTE: ESTUDO A PARTIR DO GRUPO ATELIÊ VIVÊNCIAS URBANAS, RS-BRASIL

Celina Patrícia Silva e Pires<sup>1</sup>  
Ângela Cristina Trevisan Felippi<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender como que o hip hop enquanto movimento sociocultural é compreendido e incorporado pelos jovens na construção da identidade cultural. Neste sentido, foram feitas algumas revisões bibliográficas na área dos Estudos Culturais a fim de conhecermos o hip hop enquanto movimento sociocultural. A preocupação é perceber como a identidade é incorporada no hip hop, assim como os jovens preservam e afirmam culturalmente as suas identidades. A pesquisa exposta neste artigo foi feita por meio do estudo do grupo Ateliê Vivências Urbanas (AVU), localizado em Santa Cruz do Sul, Brasil, Brasil. Foi realizada uma entrevista, que ocorreu de maneira presencial na Universidade Santa Cruz do Sul – UNISC, com a participação de dois integrantes do grupo, além de utilizados recursos documentais. Concluiu-se que o hip hop contribui para a preservação da identidade cultural por meio de trocas de experiências e intercâmbios que geram transformações na sociedade.

**Palavras-Chave:** Hip hop, identidade cultural, corpo resistente, manifestações culturais, preservação.

## EXPRESSION OF HIP HOP AS A RESISTANT BODY: STUDY FROM THE ATELIÊ VIVÊNCIAS URBANAS GROUP, RS - BRAZIL

**Abstract:** This article aims to understand how hip hop as a sociocultural movement is understood and incorporated by young people in the construction of cultural identity. In this sense, some literature reviews were made about Cultural Studies in order to know the hip hop as a sociocultural movement. The concern is to realize how identity is incorporated in hip hop, as well as young people preserve and affirm their identities culturally. The research exposed in this article was also done through the study of the group Ateliê Vivências Urbanas (AVU), located in Santa Cruz do Sul, Brazil. It was an interview conducted, that took place in person at the University Santa Cruz do Sul - UNISC with the participation of two members of the group, and had documentary research. It was concluded, hip hop contributes to the preservation of cultural identity through exchanges of experiences and exchanges that generate transformations in society.

**Keywords:** Hip hop, cultural identity, tough body, cultural manifestations, preservation.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade de Cabo Verde (UNICV) e, atualmente, é mestranda do programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS). E-mail: celinal@mx2.unisc.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3107930660912104> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8841-5555>

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, com estágio pós-doutoral em Comunicación – Recepción y Cultura, pela Universidad Católica del Uruguay. Professora e pesquisadora dos programas de pós-graduação em Letras e em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa do Cnpq Desenvolvimento Regional e Processos Socioculturais. Email: [angelafe@unisc.br](mailto:angelafe@unisc.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9905801409379822> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3545-0215>

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender como o hip hop enquanto movimento sociocultural é compreendido e incorporado pelos jovens na construção da identidade cultural. Neste sentido, a pesquisa exposta neste artigo foi feita por meio do estudo do grupo Ateliê Vivências Urbanas (AVU) localizado em Santa Cruz do Sul, Brasil. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista, que ocorreu de maneira presencial na Universidade Santa Cruz do Sul - UNISC, com a participação de dois integrantes do grupo. A pesquisa de campo se valeu ainda de materiais gráficos e audiovisuais de apresentação e divulgação da AVU. Partindo do princípio que o hip hop enquanto movimento cultural contribui para a preservação da identidade cultural, nosso foco foi questionar como o hip hop enquanto movimento sociocultural opera para realizar esta preservação da identidade cultural através do corpo resistente.

Elencamos o grupo AVU para fazer parte da pesquisa porque é um grupo diversificado, cuja sede é um espaço cultural de arte que possibilita ter experiências concretas, refletir, interpretar e ter conexão com o mundo à volta. Além disso, a partir das manifestações presentes nesse grupo foi possível compreender como se dá o processo de identidade cultural. Para tal, nos ancoramos na teoria dos Estudos Culturais. Então, para o estudo revisamos alguns documentos bibliográficos que nos trouxeram a concepção do que é hip hop dentro do seu contexto histórico e cultural, assim como permitiram a compreensão sobre os processos envolvendo as identidades culturais na contemporaneidade.

Deste modo, o trabalho está estruturado em três sessões. No primeiro momento fizemos a reflexão sobre hip hop enquanto arte resistente na história e movimentos culturais. No segundo momento, trouxemos a questão sobre o processo de identidade cultural nos Estudos Culturais. Na terceira seção, foi abordada a cultura juvenil e a mobilização da linguagem. Nessa parte fizemos a análise, cruzando os dados da pesquisa vinculada à hip hop, identidade, cultura, linguagem e corpo na perspectiva de alguns autores e com base nas informações das entrevistas.

Ser rap nos permite entender e perceber como os jovens vivem, expressam e vivenciam a arte da vida. Conforme explica Souza (1963, p.16) “isso significa ser rapper, acima de tudo, disseminar as narrativas do cotidiano ao mostrar como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, individual ou coletivamente”. Segundo Rocha *et al.* (2001, p. 131) “o hip hop faz com que o cara da periferia tenha auto-estima”. Contudo, o hip hop é uma manifestação cultural que envolve vários tipos de expressões de linguagem para atribuir sentidos à realidade. Com base nesta perspectiva, segue a reflexão sobre os hip hop e a construção da identidade.

## HIP HOP ENQUANTO ARTE RESISTENTE NA HISTÓRIA E NOS MOVIMENTOS CULTURAIS

O hip hop é um movimento cultural que retrata a realidade social de uma determinada sociedade ou comunidade e pertence a toda classe social. Conforme explica Rocha *et al.* (2001, p. 123) “o hip hop não é só um movimento de negro. É a manifestação de toda uma classe social marginalizada”. E, quanto ao seu surgimento Menezes e Costa (2010, p.2) afirmam que “surgiu nos Estados Unidos, em Nova York num bairro onde a maioria era negros e latina”. Para Souza (1963, p.15-16), o hip hop:

Pode ser literalmente traduzida como balançar (to hip) o quadril (hop)- tem sido compreendido como um movimento social juvenil urbano enraizado no seguimento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem. Desde que chegou ao Brasil, no final de 1980, a cultura hip-hop tem-se mostrado cada vez mais complexa, congregando várias correntes ou tendências em torno dos modos de atribuir sentidos, ver e agir sobre a realidade.

Os próprios integrantes do hip hop trabalham as questões sobre identidade e a inclusão social dos jovens marginalizados na sociedade. Isto é, essas manifestações culturais permitem os jovens trabalharem com uma ideia interseccionista, porque possibilita-lhes usarem várias ferramentas analíticas para analisar a sociedade e entender como funciona a dinâmica da sociedade. Conforme explica Collins (2021, p.16) “como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária entre outras são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente”.

O hip hop se caracteriza como uma expressão de arte que permite aos jovens expressarem os seus sentimentos e abre oportunidades para um espaço de debates político-sociais que retratam a realidade social sobre os problemas que os jovens da periferia enfrentam na sociedade. Segundo Souza (2014, p.3) podemos compreendemos que o hip hop é,

Mais do que uma arte ou uma manifestação da juventude, o Movimento hip hop, através do rap, do grafite, da dança, etc., torna-se espaço de debate político-social sobre vivências e experiências de jovens em grande parte negros, homens e mulheres, imigrantes dos mais diversos países, questionando os problemas sociais que os cercam. Com uma proposta de discussão sobre as condições de desigualdades da população negra e imigrante nos Estados Unidos, o rap torna-se música associada ao estilo de vida de populações marginalizadas, como os imigrantes cabo-verdianos e angolanos (Portugal), moradores das periferias no Brasil, no Uruguai, no Chile, no Paraguai, na Colômbia, na Argentina e entre grupos indígenas Guarani no Mato Grosso do Sul.

Almeida (2006, p.14) reforça a compreensão ao afirmar que “tantas vezes é designada como ‘culturas de margem’, o que estas culturas juvenis reclamam é inclusão, pertencimento,

reconhecimento”. Os jovens que estão sendo marginalizados e discriminados lutam por uma sociedade sem fronteiras. Pois os símbolos linguísticos na sociedade devem ser interpretados também fora da norma que os sistemas impõem. Ou seja, é necessário ter um olhar mais aguçado para poderem ver as possibilidades nos lugares menos visíveis que não seja eurocêntrica. Além disso, o hip hop inclui várias variedades de estilos musicais e diferentes formas de se demonstrar as diversidades linguísticas no que é oralizado, escrito e expressado por meio da linguagem verbal e não verbal através das manifestações culturais.

Segundo Souza (1963, p.16) afirma que o hip hop,

[...] tem-se mostrado cada vez mais complexo, congregando várias correntes ou tendências em torno dos modos de atribuir sentidos, ver e agir sobre a realidade. Uma dessas vertentes concentra-se em atividades revestidas de caráter contestatório e propositivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população.

Como por exemplo, o rap é uma expressão musical que funciona como uma forma de ação social com efeito à mudança. Propõe a redefinição e desconstrução de alguns preconceitos na sociedade. “O rap tornou-se uma música que além de reivindicar um espaço político, propõe a desconstrução e conseqüente redefinição de olhares sobre negros, indígenas, mulheres, moradores de periferias e favelas, etc” (SOUZA, 2014, p.4). Ainda,

É importante desvendar as sensibilidades performativas das culturas juvenis, o hip hop é um claro exemplo de culturas performativa. Desde logo, nas mesclagens criativas de músicas (sobretudo através de rap, djing, beat-fox, funk), nas performances corporais (break dance, smurf, double dutch), no grafitismo (através dos tag ou graf), no street basket (com ganchos, fade ways to the back) etc o rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros. As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encavalitadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são voz de consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular (a vocalista) que contagia, que se transforma num coletivo (nós, os do movimento) que se insurge contra eles (que não nos entendem) (ALMEIDA, 2006, p.13).

Contudo, o rap faz mesclagens criativas para se comunicar e mostrar a sociedade em diversos ângulos. A performance do corpo no hip hop - corpo, mente e linguagem carregam sentimentos de revoltas e alegrias. Porque esse corpo no rap atua como arte. Melhor dizendo, nos permite entender o que às vezes é difícil de entender fora do padrão comum do sistema. Segundo Pieniz (2009, p.194) “as representações sociais são criadas por esses dois mecanismos: ancoragem e objetivação. Por meio deles as representações tornam familiar o que até então era não familiar”. A voz singular de cada um dos integrantes do grupo traz a força viva para o movimento cultural - hip hop como força viva e a arte de resistência para uma sociedade mais justa e igualitária.

## IDENTIDADE CULTURAL NOS ESTUDOS CULTURAIS

É importante começarmos a argumentar sobre este assunto entendendo que a perspectiva teórica dos Estudos Culturais nos oportuniza a entender como se dá o processo de identidade cultural neste campo de estudo. Então, por ser uma área interdisciplinar reúne diversas áreas para compor as suas análises e entender a dinâmica da sociedade. Ou seja, transforma os saberes culturais em uma das ferramentas de mudanças políticas para compreendermos a cultura de determinada comunidade, etc.

Todavia, é uma área que está em constante transformação e procura investigar a multiplicidade vigente no interior de cada cultura. Além disso, nas relações interculturais ricas e diversificadas compreende os seus produtos como agentes da reprodução social, focado na produção de significação cultural e descaminações na sociedade contemporânea.

Em termos da identidade cultural recorremos ao pensamento de Stuart Hall, uma das grandes referências nos estudos da identidade cultural nos Estudos Culturais. Pois, esse autor nos ajuda a compreender o que é a identidade cultural, como pode ser entendida e estudada a partir de uma determinada sociedade. Identidade cultural é um processo que está em constante transformação e se dá por meio da interação entre o eu do indivíduo integrante na sociedade e a interação com a própria sociedade. Reforçando a compreensão Hall (2006, p.11) afirma que:

[...] a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

O indivíduo é um ser em constante transformação e ao estar em contato com pessoas e culturas diferentes a identidade modifica constantemente. Porém, nas palavras do autor, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2006, p. 21).

Deste modo, a pessoa nasce com uma identidade inata e as suas características, mas ao longo da vida quando o indivíduo começa a interagir-se e fazer as trocas de relações na sociedade ele muda constantemente. E, chega um determinado momento que a identidade se torna fragmentada, o que podemos dizer identidade na pós-modernidade. E, novamente conforme aponta Hall (2006, p. 21-39):

O conceito de identidade mudou: do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o conceito sociológico e, depois, para o do sujeito "pós-moderno". A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Pois, todos os dias as pessoas experimentam diversas culturas diferentes num patamar mais globalizado devido à emigração, tecnologias, movimentos sociais como feminismo etc. Tudo isso provoca uma mudança rápida e muda a forma como as pessoas se relacionam nas trocas culturais na construção da identidade. Contudo, para Hall (2000) citado por Felippi (2009, p. 35) a identidade “ é uma construção, como um processo nunca completado - como algo sempre em processo”.

Logo, a partir desses pressupostos teóricos podemos afirmar que a identidade no hip hop se dá por meio das manifestações culturais na forma como esse movimento tem se transformado e estruturado, nas trocas de experiências, na interação com o outro e para o outro e na expressão por meio da arte, etc. Para Rocha *et al.*(2001, p.33) “o rap é a arte do hip hop que tem o maior poder de sedução sobre o jovem da periferia”. Através dessas busca podemos perceber a forte relação do eu com a coletividade na realização pessoal e auto satisfação. Ainda sobre o assunto Menezes e Costa (2010, p.1-3) pontuam que a identidade coletiva:

[...]produz por meio da arte e de seus posicionamentos em relação à realidade dos jovens participantes e de sua capacidade de mobilizar a comunidade cultural, que investiga os posicionamentos político-culturais do hip-hop como identidade coletiva, em meio às tensões da sociedade de consumo. Deste modo, entende-se que todas as fronteiras da identidade não são fixas, estão sempre sendo reconstruídas, sem nunca poder-se afirmar que compõe-se de um tecido por inteiro, mas sim, um conjunto de retalhos superpostos.

Em suma, nos dias atuais ao repensar na definição da identidade cultural nos Estudos Culturais, podemos ter como suporte básico para a nossa compreensão o diagrama do circuito cultural de Stuart Hall. Pois isso nos ajuda a compreender e interpretar uma concepção mais social do indivíduo. A partir desses, podemos ter uma ideia descentrada do indivíduo por meio da globalização e uma visão mais ampla nos quais a identidade dos outros passam a existir e a fazer parte de nós. Porém é o momento de reconhecer que a questão identitária dos integrantes do hip hop produzem significados culturais que de alguma forma estão ligados a um conjunto de narrativas que construíram as suas identidades.

## **CORPO RESISTENTE E MOBILIZAÇÃO DA LINGUAGEM**

Neste tópico vamos entrar na análise da pesquisa de campo fazendo o cruzamento dos dados gerados na entrevista sustentada aos fundamentos teóricos sobre hip hop, identidade, cultura, linguagem e corpo a partir das reflexões já mencionadas nas outras partes deste artigo, e informações obtidas nos materiais de divulgação e de memória do grupo.

A metodologia para a construção da pesquisa que dá base ao artigo consistiu em estabelecer um contato com a AVU solicitando a realização de entrevista ou grupo focal, o que se desdobrou em dois encontros: o primeiro, com o coordenador do grupo AVU, Rodrigo Rasquinha, para a apresentação do objetivo da pesquisa e quais eram nossas finalidades. Durante a conversa foi importante debater alguns pontos interessantes que ampliaram ainda mais a clareza deste trabalho. E um segundo encontro, quando foi realizada uma entrevista presencial, com os dois integrantes, Douglas dos Santos e Rodrigo Rasquinha<sup>3</sup>, definidos internamente pelo grupo para falar nesta investigação. Além da entrevista, houve acesso a documentos gráficos e em vídeo do coletivo, do qual foram extraídas informações para compreender a proposta da AVU.

Desta forma, em vídeo narrado por Rasquinha está que

Em 2014 nasceu o espaço físico de arte cultura o Ateliê Vivências Urbanas que daria algumas vivências passou a ser carinhosamente conhecida AVU. Esse espaço busca conscientizar e promover práticas artísticas e culturais no município de Santa Cruz do Sul, localizado no interior do Rio Grande do Sul. (ATELIÊ VIVÊNCIAS URBANAS, 2022)

E, ainda, no vídeo institucional, Rasquinha manifesta em depoimento a visão do grupo sobre a importância do coletivo

As vivências culturais e artísticas são promovidas com o foco no desenvolvimento e profissionalização dessas manifestações, apesar de haver realizações de diversos cenários e atividades a dedicação é direcionada principalmente a cultura urbana nosso corre é desenvolver os mais variados tipos de projetos, eventos e ações buscando dar visibilidade a elementos culturais que numa cidade de cultura germânica acaba ficando marginalizados e vulneráveis de suportes valorização. (ATELIÊ VIVÊNCIAS URBANAS, 2022)

Enquanto espaço público percebemos que em termos da mobilização de linguagem alguns integrantes do grupo aproveitam os espaços em brancos na rua para se comunicarem através de grafite. Ou seja, em termos da mobilização do corpo e linguagem presente no hip hop, o grafite é “comunicação visual do movimento de rua e expressão cultural que dialoga através das paredes por meio de manifestações políticas e artísticas, e a nossa voz ativa visual é o grafite”. (RASQUINHA, 2022, informação verbal).

Além disso, temos o rap que “faz uso de uma linguagem e instrumentos próprios, uma forma de afirmação de uma identidade política e cultural” (SOUZA, 2014, p.5). E, podemos considerar que a partir do que é expressado e falado no hip hop percebe-se o universo de

---

<sup>3</sup> SANTOS, Douglas Rangel dos; RASQUINHA, Rodrigo de Almeida. Informação fornecida pelos integrantes do grupo de hip hop. Ateliê Vivências Urbanas. Sobre “Expressão do hip hop como corpo resistente”. Em Santa Cruz do Sul no dia 10.Nov.2022. Concedida à entrevistadora Celina Patrícia Silva e Pires.

palavras e vocabulários diversos em termos das múltiplas linguagens mobilizadas por diversas funções.

Segundo Kleiman (1995), o hip hop mostra-se como espaço de produção cultural e política em que uma série de práticas de uso social da linguagem são mobilizadas em função de suas necessidades. Ao participarem dessas práticas de uso de linguagem, seja na sua modalidade oral, escrita ou imagética, eles se envolvem em práticas de letramentos entendidos como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. (SOUZA, 1963, p.16).

Nós usamos a linguagem para procurarmos sentidos nas coisas, comunicarmos as nossas ideias e expressarmos os nossos sentimentos por meio de linguagem verbal e não verbal. Ou seja, procuramos entender o mundo através de símbolos convencionais, por meio das palavras e das representatividades a partir de alguns artefatos culturais: o modo de viver, ser, estar, etc. Então, é necessário que haja a coordenação de ações nas trocas de relações mútuas entre o poder e uma sociedade sem diferenciação e distinção. Pois estar na linguagem permite que o outro seja aceito tal como ela é. Mas é necessário saber respeitar as diferenças e as diversidades culturais, porque são essas trocas de experiências e convivências que geram sentidos e transformações sociais, etc, como expressa os entrevistados:

A gente que vem de um lugar de favela sabe que muitas vezes a gente não tem oportunidade e sobretudo espaços para coisas diversas, pois só diante de uma cena. Através do hip hop a gente começou a descobrir o mundo, porque o hip hop é uma porta para o mundo e trabalha incansavelmente para tirar a galera da rua para “mudar cabeças” e consciências, tudo isso é feito através da linguagem. A gente se encontra no Ateliê Vivências Urbanas para viver o momento, através das trocas de experiências e trocas de ideias, etc. (SANTOS, 2022, informação verbal).

Para Rasquinha (2022, informação verbal):

A gente vai para escolas, praças e dentro desses movimentos a gente tenta levar o diálogo e depois fazer amostra do que fazemos nas comunidades. O corpo dança e enquanto o movimento ele captura a sensibilidade das pessoas, e ao mesmo tempo com o objetivo de sensibilizar a comunidade. É importante que você sente que está em conexão com o corpo, porque só dialogar não é o suficiente. O corpo tem que falar também e tem que saber a história que está contando (corpo). A nossa contribuição maior é fazer esses movimentos com mais diálogo do conhecimento dos saberes.

O corpo possui auto reflexividade de nós mesmos e desempenha um papel fundamental na linguagem. Todavia, quando as pessoas estão se comunicando esse corpo tem que estar ativo, presente na linguagem e capturada pela conexão deste corpo. Como por exemplo, a dança é um tipo de movimento que envolve o corpo todo e as pessoas que estão nesse tipo de movimento tem que capturar a atenção dos que estão presenciando. Dessa forma, é muito importante que as pessoas consigam passar para o outro a conexão do desejo, amor e confiança.

Conforme esclarece Rasquinha (2022, informação verbal) “A música faz com que o corpo fala também, tem muito haver com as questões de lutas, defesas e agilidade, a dança tem

características de forças que contém atitude, agressividade e que representa o sentimento dentro do contexto de hip hop”. O hip hop apresenta diversas variedades distintas em termos de representações artísticas na construção de linguagens carregadas de sentidos e significados.

Neste sentido, o nosso corpo é poético, a linguagem se dá no corpo e o corpo se torna expressivo na linguagem. Para que isso seja claro, é necessário voltarmos ao nosso exemplo anterior: a dança, e enquanto a isso recorreremos ao pensamento de Rocha *et al.* (2001, p.17-18) ao afirmarem que:

A dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, uma das maneiras de diminuir as brigas de gangues do gueto e, conseqüentemente, o clima de violência. Já em sua origem, portanto, a manifestação cultural tinha um caráter político e o objetivo de promover a conscientização coletiva. O uso dessa expressão ganhou o mundo, novas dimensões, e hoje, no Brasil, designa basicamente uma manifestação cultural das periferias das grandes cidades, que envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório.

Por exemplo, na dança o corpo às vezes revela o que não é capaz de se comunicar ou expressar verbalmente. E, dentro do hip hop temos um tipo de dança que é o break, essa dança faz muitos movimentos e ao mesmo tempo o corpo gira. Nas palavras do autor “ neste movimento, o dançarino fica com a cabeça no chão e, com as pernas para cima, procura girar todo o corpo” (ROCHA *et al.*, 2001, p.47).

Ainda Rasquinha (2022, informação verbal) esclarece que o break “tem as forças e resistência de um corpo em movimento, e quando falamos de break bate com essa coisa de uff... defesa de estar pronto para guerra”. Para Santos (2022, informação verbal) “podemos concluir que o break é o corpo resiliente que não quebra e que dialoga consigo mesmo. Ou seja, esse corpo no break conta história e dialoga consigo mesmo muitas vezes”.

Andrade (1996) citado por Rocha *et al.* (2001, p.47) reforça a ideia de que “ cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos ou demonstra a lembrança de um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas, como o próprio giro de cabeça”. Pois, conforme pontua Rocha; Domenich *et al.* (2021, p.19),

hip hop é um conjunto de manifestações culturais: um estilo musical, o rap, uma maneira de apresentar essa música em shows bailes que envolve um Dj e um MC, uma dança, o break, e uma forma de expressão plástica, o grafite. Também cabe, portanto, a caracterização do hip hop como uma cultura de rua, que é o conceito mais utilizado pelos seus próprios integrantes.

O hip hop por ser um estilo musical que envolve várias manifestações culturais com diferentes formas de expressão é considerado como cultura de rua o nome colocado pelos seus integrantes. Dentro do movimento hip hop todas essas manifestações culturais (o break, o rap, o grafite, o DJ e o MC) desempenham um papel fundamental na divulgação e conscientização

coletiva. Isso representa a forma como a nossa identidade é modificada o tempo todo, porque quando estamos em constante movimento, intercâmbio e experiências com pessoas diferentes internalizamos alguns valores que passarão a fazer parte do nosso mundo interior e exterior. Portanto, para reforçarmos o que queremos esclarecer, Hall (2006, p. 11) explica que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"-entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

O corpo que nos habita produz significado para o mundo, nos mobiliza a adquirir uma identidade fragmentada conforme Hall afirma. Pois o corpo tem que estar em movimento e esse corpo em movimento nos permite ter a liberdade pessoal e contato com culturas diferentes. O nosso eu passa a ter relações com o exterior e internalizamos valores externos que passam a fazer parte de nós. Nesta perspectiva, podemos afirmar que o hip hop permite a união de culturas, fortificam os saberes, a compreensão do outro e a internalização desses valores.

Conforme explica Almeida (2006, p.46-47):

O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal. A aparência do corpo tornou-se central às noções de auto-identidade. O corpo veio representar a liberdade pessoal, o melhor de nós. O corpo é central para a experiência do eu: levado ao seu limite lógico.

Se pensarmos o hip hop enquanto corpo resistente nos possibilita entender que a dança o que é designado de break tem um papel muito resistente na construção dos pilares dentro do rap para entendermos e compreendermos as linguagens nelas manifestadas. E, o hip hop justamente permite a mobilização desses corpos em ação. Através da mobilização, globalização e interação o corpo vai para lugares diversos, sensibilizando as pessoas e com o propósito de engajar a população de diversas camadas, sobretudo os jovens de periferias. Segundo Rasquinha (2022, Informação verbal) o hip hop é:

Uma organização de união, consciência e conhecimento de movimentos de expressão artística que dialoga com o meio urbano. Ou seja, o hip hop além de tudo, é união das culturas que se expressam no meio urbano, e que pode ser defendida como os nossos saberes e evoluções. Podemos considerar que é abraço de forças e resistências. Pois as culturas juntas formam as comunidades que a gente entende como hip hop. A Partir dos pilares como a dança, grafite, MC (mestre de cerimônia) e DJ vem o conhecimento para cada elemento se fortalecer e ter a compreensão do outro, em cada universo vem as diversidades expressadas através de arte e do mundo.

O movimento hip hop trabalha as questões da diversidade cultural relacionada à identidade. É um movimento cultural que se preocupa muito com classes sociais marginalizadas e muitas coisas que acontecem no mundo é compreensível por causa das forças e união da

resistência entre eles. O propósito dos integrantes do hip hop é pensar nas estratégias para sensibilizar a humanidade por meio da interação e como as pessoas conseguem se identificar, por exemplo, na poesia, na dança e no grafite para verem a diferença na sua auto-eco-transformador. Conforme explica Santos (2022, informação verbal) o hip hop:

É a diversidade e nesse movimento as pessoas são sempre bem vindas. Por exemplo, antigamente as pessoas não eram bem vindas em alguns lugares, principalmente onde construíram seus porões, suas casas. Mas com o tempo começaram a se encontrarem e identificarem com os meios para formarem grupos. E hoje muitas dessas cenas mundiais que acontecem vem da união.

Para Menezes e Costa (2010, p.3) “ (...) os jovens das periferias encontram no hip-hop formas de se expressarem, de demonstrar suas angústias e suas indignações”. Segundo Almeida (2006, p.12) “porque para muitos jovens o futuro se encontra desfuturizado não porque esteja sob o controle, mas porque se encontram (des)governado pelo princípio da incerteza. Há também entre alguns jovens um refúgio na ilusão como estratégia de fuga à realidade”.

Tudo isso faz com que os jovens mudam, vejam a vida com outros olhos e interagindo com a sua identidade inata de maneira que se torna mais diversificada, modificando-o automaticamente e as linguagens começam a fazer sentido. Nas palavras de Hall (2002) citado por Morais (2019, p.3):

Se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Desse modo, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Em parte damos significados aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. Em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas cotidianas.

Os agentes intencionais do hip hop lidam com a questão de arte em várias dimensões e seus propósitos é transmitirem símbolos linguísticos com intenções que gerem novas aprendizagens culturais de maneira que haja uma estrutura benéfica para a interpretação desses interesses. Pois os que fazem parte precisam ser reconhecidos e ter o livre direito de manifestar os seus interesses, as suas culturas, identidade e expressar o que esses corpos pensam e sentem. Esses corpos expressam por meio das danças os seus sentimentos e revoltas, mas também, por meio delas compreendemos a força da resistência para a preservação do que chamamos de identidade inata. E, conforme explica Rasquinha (2022, informação verbal):

O hip hop por trabalhar as expressões corporais vai fazer com a gente consiga ter um caminho um pouco melhor do que o caminho que o sistema nos impõe. De fato, o objetivo é entender o espaço que a gente ocupa dentro da sociedade através das expressões da linguagem e querer mudar ele. Pois a gente criou o grupo AVU, para dar a cara através da liberdade de expressão que manifestamos na linguagem, e conseguir expressar-se dentro do movimento do hip hop respeitando as diferenças,

unificar a sociedade, fazer a integração e conhecer o lado humano das pessoas. Porém, a gente tem conhecimento com o qual podemos ajudar e orientar, porque de certa forma se não temos essas orientações faz com que a gente entre nos caminhos que não são legais. Entretanto, o hip hop vem trazendo alternativas, ajuda a gente desviar das energias negativas e focar o olhar para coisas positivas. E, como ser humano, procuramos um lugar digno na sociedade para termos uma vida um pouco mais leve. Portanto, a luta é diária. Além de se expressar artisticamente o que a gente tem de verdade, também está vinculado às questões políticas, mas o hip hop tem sentido muito mais onde não existe. Onde tanto as pessoas como as regiões necessitam de uma estrutura. Porém, dialogam também pela questão da liberdade, diversidade e conseguir acessar o vínculo com as pessoas no qual necessitam muito mais da vulnerabilidade de apoio e amparo.

Nas palavras de Santos (2022, informação verbal) o hip hop “tem muito a haver com o conceito *tour, Peace, Love, unity, and Respect*. Que podemos dizer assim o hip-hop traz paz, amor e união que mantém a gente focado no propósito, sobretudo o amor e o respeito um com o outro”. Neste sentido, é direito de todos preservarem o que nos define como povo e ter consciência que uma sociedade que não preserva as suas raízes é um povo sem história.

Ainda segundo o integrante do grupo, "Os Jovens descobrem uma nova oportunidade para sair da marginalização. Não obstante, às vezes sair disso não é tão fácil, mas o hip hop faz o trabalho de unir e acolher por meio da cultura a diversidade de todos". (SANTOS, 2022, informação verbal). Pois, podemos observar que as mudanças da aceitação começam nos pequenos atos e gestos. Desse modo, Rasquinha (2022, informação verbal) afirma que:

O hip hop vem desde a ancestralidade, e o preto nunca vai ser visto como o protagonista. Porém, sempre é vista para o que serve. Então, é nesse aspecto que a gente começa a ter consciência e lutar para ocupar os nossos espaços com a nossa intelectualidade natural. É importante tentar virar a nossa história e mostrar uma outra versão de nós. Portanto, conquistar tudo que socialmente é imposto a nossa dificuldade de acesso. Em resumo, Eu acho que tudo vem da nossa adolescência, movimento que surge numa brincadeira culturalmente falando, a gente já brincou disso, para nós que temos assim uma cultura mais periférica que vem do ancestral preto, isso é meio natural. Hip hop é a resistência que traz a voz ativa que existe entre cada um dos elementos do grupo na preservação da identidade e o reconhecimento das diferenças. O movimento de hip hop traz mudança e fortalecimento tanto para política pública, assistencialismo e consciência da melhoria daquilo que é nosso, a gente tem acesso, só que não chega como deveria ter chegado, porque muitos também não tem conhecimento para poder correr atrás, a gente tem diferença de facto tanto nas lutas quanto em ações e em toda manifestação e movimento. No entanto, levar o movimento para a comunidade é muito mais que entretenimento. E, logo, acaba trazendo muito a questão da valorização e preservação da identidade cultural.

Em resumo, cada um desses corpos expressam na linguagem o que muitas das vezes não tiveram a oportunidade de se expressarem livremente, porque a voz que existe entre cada um destes integrantes são vozes ativas que prezam pela liberdade e livre arbítrio de escolha de uma cultura que não seja eurocêntrica. Melhor dizendo, uma cultura que contribui para a construção das suas identidades, mergulhadas nas diferenças e misturas que enriquecem o

sentido da experiência, principalmente ao irem por toda periferia para resgatar aqueles que já não encontram mais o sentido de viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hip hop enquanto movimento sociocultural é a forma de resistência e a cultura de rua que atua nos lugares escolhidos com o propósito de fazer mudanças na sociedade. Isto é, o propósito é sensibilizar as pessoas através da interação destes corpos na busca da compreensão do mundo e o seu significado por meio de linguagens. Essas interações ocorrem também a partir dos elementos artísticos (o break, o rap, o grafite, o DJ e o MC).

Evidentemente, esses corpos atuam na sociedade com o propósito de fazerem a diferença através dos símbolos convencionais, legitimidade do seu eu interior e exterior. Pois na procura dessa legitimação que é o que chamamos de amor tem que estar carregadas de sentidos e significados. Porque só assim permitem que a nossa identidade seja modificada a partir de outros traços culturais que permitam intercâmbios e trocas dessas experiências.

Vivemos num mundo globalizado cercados de novas interações e pessoas com culturas e costumes diferentes devido à emigração. Portanto tudo isto de uma maneira ou outra interfere no nosso eu interior e a nossa identidade fica fragmentada, pois ela muda constantemente, embora temos as nossas raízes e costumes, mas são essas experiências que nos fazem mover o mundo e passar a conviver com todos e todas sem distinção, diferenças e aprendemos a experienciar o mundo com outros olhos.

Neste sentido, esses intercâmbios de experiências nos torna um ser móvel, e se essas experiências foram bem aproveitadas e vistas com olhos de oportunidades os nossos corpos atuam de maneira ativa na sociedade e ganhará outros sentidos. E, a partir de então, passamos a compreender o porquê desses corpos em tais contextos. Além disso, compreendemos o que é difícil de se entender se estamos isolados da cultura que nos define e caracteriza como seres da natureza carregadas de mitologias e criatividade.

Por exemplo, o hip hop permite essas trocas de experiências na diferença, na aceitação e convívio com o outro tal como a pessoa é ou se aparenta ser, porque enquanto entidade coletiva por meio da arte busca contribuir para que todos os jovens construam a sua coletividade para a construção de uma identidade a partir do que chamamos de identidade iluminismo. Ou seja, cada ser humano nasce com a sua identidade o que é inatismo, porém por entenderem e enfrentarem certas realidades e experiências de vida isso muda automaticamente quando a experiências geram trocas mútuas.

E, ser rapper é disseminar estas narrativas que estão presentes no cotidiano que às vezes são poucas vistas ou valorizadas. Porque o seu propósito é mostrar como os jovens e as pessoas vivem numa determinada sociedade para enfrentarem a realidade e sobretudo aceitação por parte de qualquer órgão do poder. A partir de então, os próprios integrantes do hip hop buscam compreender esses jovens para que juntos possam transformar os problemas em soluções. Pois a falta de autoestima e oportunidades levam esses jovens periféricos a buscarem um caminho mais fácil de acabar com a própria vida.

É importante entendermos que o hip hop não é um movimento só dos negros. Mas sim, a manifestação de toda uma classe social marginalizada. À medida que passamos a usar várias ferramentas analíticas para analisarmos a sociedade de facto compreendemos que ao adotar uma ideia interseccionista estamos a dizer que não existem culturas superiores nem inferiores aos outros, mas sim, diversidades culturais. Pois tudo é compreendido e entendido nas diferenças. Ao preservar as diferenças culturais estamos a contribuir para a valorização e preservação daquilo que nos define como povo.

Para finalizarmos, em termos da linguagem dentro do hip hop podemos observar a partir do que é falado e expressado que existe uma diversidade muito rica em termos de vocabulários que enriquecem o nosso repertório, todavia as vozes ativas dentro de cada uma das manifestações culturais nos proporciona estas oportunidades por cada gesto, olhar, manifestação e resistência na luta pela união e preservação da nossa história como negros, pardos, pessoas de classes médias, altas, brancas, etc.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

ATELIÊ VIVÊNCIAS URBANAS. [S.I.:s.n], 2022.1 video(1.09). Publicado pelo canal Ateliê Vivências Urbanas. Disponível em:<https://youtu.be/-Rn05eKKTGI>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021. Disponível em: [revistaseletronicas.fiamfaam.br](http://revistaseletronicas.fiamfaam.br). Acesso em: 02 de Outubro de 2022.

FELIPPI, Ângela. *A identidade Gaúcha no Jornalismo Impresso: o caso de Zero Hora*. In: FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (Org). *Mídia identidade Gaúcha*. Santa Cruz: EDUNISC, 2009. 260p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues. *Desafios para a pesquisa: o*

campo-tema movimento hip-hop. *Psicologia & sociedade*, v. 22, p. 457-465, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KM4BYKffJvQQNfNbJgQrvYp/?lang=pt>. Acesso em: 30 de Outubro de 2022.

MORAES, Maria Laura Brenner. *Stuart Hall: cultura, identidade e representação*. Revista *Educar Mais*, v.3, n.2, p.167-172,2019. Doi: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

PIENIZ, Mônica. *Articulação Global-Local: Representações da identidade de gaúchos em comunidades virtuais*. In: FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (Org.). *Mídia identidade Gaúcha*. Santa Cruz: EDUNISC, 2009. 260p.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip hop: a periferia grita*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Douglas Rangel dos; RASQUINHA, Rodrigo de Almeida. Entrevista concedida pelos integrantes do grupo de hip hop. Ateliê Vivências Urbanas. Sobre “Expressão do hip hop como corpo resistente”. Em Santa Cruz do Sul no dia 10.Nov.2022. Concedida à entrevistadora Celina Patrícia Silva e Pires.

SOUZA, Angela Maria de; JESUS, Janaina Santana de; SILVA, Ronaldo. *Rap na fronteira: Narrativas poéticas do Movimento hip hop*. Revista *Tomo*, 2014. Doi: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.3433>. Acesso:03 de novembro de 2022.

*Recebido: 17 de maio de 2023.*

*Aceito: 22 de outubro de 2023.*